

Parte II - Princípios teóricos e práticos para o cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em Roda de Conversas

**Capítulo 8 - O movimento humano em pauta: o corpo na aprendizagem de crianças, jovens e adultos**

Silvio Henrique Vilela

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VILELA, S.H. O movimento humano em pauta: o corpo na aprendizagem de crianças, jovens e adultos. In: FERNANDES, A.P., and LOPES, P.C., eds. *O cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em rodas de conversas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2020, pp. 169-185. ISBN: 978-65-87949-02-4. <https://doi.org/10.7476/9786587949024.0010>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## Capítulo 8

# O movimento humano em pauta: o corpo na aprendizagem de crianças, jovens e adultos

*Silvio Henrique Vilela*

### **Introdução**

A palavra corpo é polissêmica e multifacetada e, neste texto, seu uso acontece com o objetivo de dar sentido a um ser com necessidades de conhecimentos intermináveis que, da medicina à religião, passando pela filosofia e pela antropologia, constituem a existência do ser humano.

Apenas como marco operacional, decidi discutir o corpo a partir da criança, deixando claro que não estou, assim, desconsiderando a importância das fases anteriores. Na verdade, a importância do movimento humano começa mesmo muito antes do nascimento do bebê. Os pais sabem muito bem a emoção inesquecível de acompanhar seus filhos, fazendo da barriga de sua mãe um verdadeiro tobogã de carne e osso.

Entendo que abordar a condição física do ser humano logo após o seu nascimento, em seus primeiros momentos de vida, deixa muito clara a condição extremamente frágil do pequeno sujeito perante o mundo que o circunda. No entanto, rapidamente se inicia um processo de desenvolvimento do pequeno ser em uma busca constante pelo seu equilíbrio no novo mundo que passa a

envolvê-lo. Essa busca pelo equilíbrio é impulsionada por influências internas e externas ao seu corpo, que provocam nele mudanças físicas e psicológicas constantes que encontrarão seu limite somente na morte.

Fato indiscutível é que todo o processo de transformação do ser humano (tanto motor como cognitivo e social) acontece a partir de seu corpo. Isso porque, na verdade, o ser humano não tem um corpo, não possui um corpo. Ele é o seu próprio corpo.

Assim, na história da vida humana, o processo de mudanças adaptativas do corpo, em busca da competência e do equilíbrio necessários à sua sobrevivência, muda completamente a condição de existência desse ser já na primeira década de vida. Nesse período, o homem se transforma, da condição inicial de grande fragilidade, que não lhe permite sobreviver sem o cuidado e a proteção dos adultos da espécie, a de um ser seguro, cuja condição de vida na fase adulta terá o poder de transformar praticamente tudo o que se encontra na superfície da terra.

Essa mudança extraordinária da condição de vida do homem no mundo acontece, essencialmente, graças a dois fatores: primeiro, pela busca incondicional e infinita pelo equilíbrio orgânico e psíquico do seu corpo (busca essa que atua como propulsora do seu desenvolvimento); segundo, pela capacidade inata que o ser humano tem de aprender para toda a vida. Essa capacidade de aprender do ser humano é praticamente infinita e pode ser descrita por uma curva parabólica. Ela é extraordinária do nascimento até a fase adulta; depois, não desaparece. No entanto, passa a conviver com pequena diminuição progressiva até o momento de sua morte. Fato é que, para a aprendizagem após a fase adulta, haverá a necessidade de maior dedicação de quem ensina e de quem aprende para que o processo aconteça. Quanto a essa questão, João Batista Freire afirma que “o homem sempre poderá, cada vez menos, aprender um pouco mais” (Freire, 1991, p. 49). Acrescento ainda que o mais

importante nessa fala é a afirmação incontestável de que o homem poderá sempre aprender por toda a sua vida.

Assim colocado, espero já ter construído aqui o fio condutor desta discussão sobre o corpo, o movimento e a aprendizagem, qual seja: o homem terá sempre a capacidade de aprender independentemente de ser criança, jovem ou adulto.

Essa afirmação, mediada pela capacidade humana de produzir e administrar o movimento de seu corpo como instrumento para aprender, é o que dá ao homem o grande diferencial para sobreviver no mundo em constantes e aceleradas mudanças.

## **O corpo e o movimento humano**

Ao trazer o movimento humano para o campo de debates, o corpo do homem toma vultuosa importância e se posiciona como o objeto basal para a investigação. Para entender o que vem a ser o corpo do homem, é preciso analisar não somente o corpo biológico, mas também, e principalmente, o corpo que extrapola os limites da anatomia e da fisiologia, o corpo que aprende e que ensina, o corpo que fala e que escuta, o corpo que interage com outros corpos no espaço e no tempo. Independentemente de ser o corpo da criança, do jovem ou do adulto, todos têm o mesmo papel e a mesma importância para a construção das diversas aprendizagens no mundo.

Para que isso possa ser compreendido, torna-se imprescindível desconsiderar completamente a dicotomia, muitas vezes propagada pela escola, entre corpo e mente. Somente a partir da preterição a essa dicotomia será possível constatar que o corpo tem uma “cartografia” própria que denuncia os muitos interesses historicamente depositados nele. Do corpo delegado à meditação e ao ócio, na Grécia antiga, passando pelo corpo guerreiro de Roma e chegando ao corpo moldado segundo os padrões da moda e da mídia, nas primeiras décadas do século XXI, ele foi cultuado pela sua beleza e saúde, glorificado enquanto instrumento de guerra,

mensurado enquanto força de trabalho, castigado para amortizar os pecados e as penas sociais e, finalmente, moldado para ser mão de obra do sistema capitalista. Todavia, em nenhum momento da história, o corpo deixou de ser o próprio homem. O homem é o seu corpo e precisa ter consciência disso, pois somente consciente de seu corpo ele poderá construir um diálogo intenso consigo mesmo, com os seus e com o mundo.

Para João Batista Freire, “não se passa do mundo concreto à representação mental senão por intermédio da ação corporal” (Freire, 2009, p. 75). Mas, infelizmente, quando se discute a cognição e os processos cognitivos no homem, o senso comum leva as pessoas a voltarem sua atenção para a mente, mas dificilmente a considerarem a existência e o papel de um corpo nesse processo.

Outra constatação é de que, como mencionei anteriormente, essa mente equivocadamente ainda é vista por alguns educadores como algo “fora” do corpo. Esse pensamento de dualismo entre corpo e mente foi catapultado por Descartes e suas proposições (ainda no século XVIII) que determinaram uma separação entre corpo e mente como “coisas distintas”.

Afora esse senso comum, felizmente, hoje, temos vozes que questionam essa certeza de outrora, e uma delas é a área da Educação Física. Os intelectuais dessa área vêm construindo um pensamento consistente em oposição à dicotomia entre corpo e mente desde a década de 1980. Por isso, hoje é possível colher alguns bons frutos desses embates acadêmico-científicos.

Com certeza, não temos um corpo e uma mente separados. Nós somos um corpo que come, bebe, chora, emociona-se, comunica-se, movimenta-se, pensa e aprende. Enfim, somos um corpo que age e reage como um todo, e não em partes. Afinal, o que restará ao homem se retirar dele o seu corpo? Teríamos uma mente flutuando por aí e criando teorias sobre as coisas?

Fonseca (2010, p. 80) defende que “O que é o próprio homem é a sua consciência e percepção do outro (matriz corporal),

a sua postura, praxia, linguagem, cognição social e a sua extraordinária capacidade para aprender a aprender”.

Após decretar que o homem é o seu corpo, o autor destaca ainda a sua capacidade de aprender a aprender. Podemos, então, aferir que esse aprender a aprender, e para sempre, deve ser o paradigma de orientação do sujeito nesse século, pois, agora, mais do que nunca, todas as certezas existentes são altamente mutáveis.

Delors (1997, p. 89), falando do papel da educação na preparação do homem para o século XXI, afirma que, para estar à altura da nova situação mundial,

é, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança.

A velocidade com que as novas tecnologias disseminam novas informações e novas descobertas para todas as pessoas no mundo é assustadora. Por isso, a capacidade de aprender sempre se tornou vital para o sujeito contemporâneo.

Relacionar o movimento humano aos processos de aprendizagem e, conseqüentemente, ao desenvolvimento cognitivo desse sujeito, possibilita compreender a multiplicidade interativa e a conexão intrínseca dos processos psicológicos com os processos motores que sustentam, de fato, o comportamento e a aprendizagem humana desde a origem dos tempos.

Desse modo, defendo um conceito de movimento humano que abarque, além do deslocamento do corpo e de suas partes no tempo e no espaço, também o seu papel no desenvolvimento cognitivo do sujeito. Assim,

movimento humano [...] é o deslocamento do corpo e/ou de partes dele, que é observável em relação ao tempo e ao espaço em que é pro-

duzido, e objetiva a adaptação, a transformação ou o relacionamento com o mundo externo, partindo sempre de um processo interno de cognição (Vilela, 2015, pp. 11-2).

Trago esse conceito pela sua amplitude e por entender que ele contempla uma concepção de movimento em três dimensões determinantes, quais sejam: biológica, cultural e cognitiva.

Sobre o movimento humano, considero notório que as possibilidades de avanço na construção da vida como a temos hoje aconteceram basicamente a partir do domínio e da criação de movimentos que se tornaram cada vez mais especializados e passaram a exigir cada vez maiores competências ao homem. Basta lembrar que, historicamente, o aprimoramento constante no processo de criação e manipulação de instrumentos, inicialmente elementares, conduziu o ser humano ao desenvolvimento de outros instrumentos que apresentavam, graças à relação da experimentação com a cognição, cada vez mais um grau de fabricação e de manuseio sofisticado. Assim, além de simplesmente aprender, o homem precisou e foi capaz de usar sua capacidade cognitiva para inovar, para criar coisas novas.

Essa afirmação toma corpo no momento em que não é difícil perceber que a realidade de avanços na criação e na utilização de novos instrumentos pelo homem permanece ainda atual no que tange à tecnologia desenvolvida no século XXI. Contrariamente ao que alguns podem pensar, o corpo e o movimento ainda se constituem como atores decisivos na história do homem, na história do corpo.

Fato é que os conhecimentos desenvolvidos pela espécie foram e são transmitidos às gerações mais novas que os aperfeiçoam em quantidade e qualidade, tornando-se assim um legado que é constantemente alimentado por gerações e gerações.

Por isso, torna-se fácil constatar que o movimento humano foi o ator principal na história do desenvolvimento da humanidade no planeta. Além disso, do pensamento à ação e vice-versa, o

homem passou por uma série de adaptações durante a sua história, que reforça as faces existentes entre movimento, aprendizagem e cognição.

Essa relação que defendo, entre movimento humano e cognição, pode ser constatada também nas obras de Vitor da Fonseca. Para quem, não somente no decurso da história humana, mas também na história pessoal de cada indivíduo no planeta:

[...] a motricidade influencia o desenvolvimento posterior de todos os processos mentais, nos quais cada estágio influencia o seguinte, e as funções que se desenvolvem em dado momento se fusionam e se integram com outras que vão emergir mais tarde (Fonseca, 2008, p. 292).

A motricidade é aqui vista como um repertório de movimentos dominados pelo homem, e seu uso implica, além de aprender sobre as decisões que tomamos acerca dos movimentos, aprender o modo como desenvolvemos essas decisões e produções, caracterizando, assim, a passagem do fazer para o compreender.

Nesse momento, sem abrir mão da unidade do corpo do homem como uma coisa *una*, mas tendo a necessidade de conceituar uma parte dele, que é a mente, trago dois conceitos que se complementam. Primeiramente, o conceito de Doll Jr. (1997, p. 126), para quem a mente “é uma invenção... para conceitualizar e rotular os poderes humanos de organização, reflexão, criatividade e comunicação”. E também trago a fala de Senna (1997, pp. 104-5), para quem a mente pode ser definida de dois modos: o do conceito epistemológico do termo, no qual ela é definida como o produto dos órgãos biológicos relacionados à produção de conhecimento; e como um órgão simbólico, dando a ideia de que ela seja uma parte constitutiva da biologia humana que, todavia, não tem constituição física. Chamo atenção para o fato de que, vistos unidos esses dois conceitos, torna-se fácil perceber a existência de uma clara distinção



da mente, para o cérebro e os outros órgãos neurológicos. Então, como o homem aprende?

## A aprendizagem

A aprendizagem sempre foi e sempre será um processo essencial na existência do ser humano, que quase sempre envolve a interferência do outro na reconstrução da experiência individual com o objetivo de ampliar o domínio desse conhecimento para o grupo social. De tal modo, a escola, como *locus* reconhecido da aprendizagem, também precisa provocar um processo intenso de interação dos seus participantes, objetivando mudanças/transformações no desenvolvimento dos alunos, pois este é o sustentáculo da existência da instituição “escola”.

Em relação ao processo de aprendizagem, Vigotsky observou a existência de duas possibilidades que podem levar a ele. A primeira, quando as atividades podem ser realizadas sem a ajuda de outras pessoas – acontece por essas atividades já corresponderem a conceitos internalizados anteriormente pelo sujeito. Segundo Vigotsky, esse é o nível de desenvolvimento real do sujeito. Por outro lado, existem as atividades que só podem ser realizadas com a ajuda de outras pessoas que dominam os conceitos necessários – a isso, ele chamou de nível de desenvolvimento potencial.

Definidos esses dois níveis de desenvolvimento, Vigotsky indicou a existência de uma zona de desenvolvimento, a qual ele chamou de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) do sujeito. Essa zona é

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vigotsky, 2007, p. 97).

Visto assim, para que o sujeito adquira uma nova competência, ela precisa obrigatoriamente estar contida na sua Zona de Desenvolvimento Proximal (sendo ZDP = ndr + ndp). Desse modo, a partir do momento em que ele aprende a solucionar problemas (sozinho ou com ajuda), adquire tal competência, passando esta a fazer parte do seu nível de desenvolvimento real. Esse movimento de aproximação do potencial com o real redimensiona a sua ZDP, refletindo na sua aprendizagem e, conseqüentemente, no seu desenvolvimento mental.

Respeitando essa linha de raciocínio, a escola tem como função proporcionar intervenções a partir das ZDPs de seus alunos. Para isso, ela deve construir processos pedagógicos coerentes que objetivem os avanços apontados anteriormente, visto que estes dificilmente ocorreriam espontaneamente, ou, na melhor das hipóteses, levariam demasiado tempo para que ocorressem.

Desse modo, as experiências advindas do uso do movimento humano, que podem acontecer individualmente ou em grupos, permitem, ao mesmo tempo, que o aluno exercite os seus níveis de conhecimentos, que ajude o colega a ampliar o seu nível de conhecimento real e a ele mesmo de receber ajuda para construir a ampliação do seu próprio nível de conhecimento. Esse é o mecanismo da interação durante os processos de aprendizagens.

Apenas como exemplo dessa afirmação, vamos pensar em uma atividade simples que pode ser adaptada a praticamente qualquer pessoa que esteja envolvida no processo de aprendizagem. A proposta que apresento é a criação de um jogo que envolva um grupo de 10 alunos, independentemente do gênero. Ao levar essa proposta aos alunos, eles precisarão interagir fortemente para tomarem as decisões em grupo. Desse modo, todos os participantes terão acesso a todos os conceitos que, individualmente, cada um possui sobre o assunto. Os processos seguintes – definir o objetivo do jogo, os equipamentos, o campo de disputa, as regras e o aprendizado prático dessa nova proposta – servirão como ambiente

e instrumentos para que as interações continuem acontecendo e a aprendizagem se construa.

Wallon, outro estudioso dos processos de aprendizagem, dedicou-se a pesquisar a psicologia genética como procedimento capaz de compreender de modo global a totalidade da vida psíquica. Para ele, na existência do homem, o biológico e o social são indissociáveis (Dantas, 1992, p. 37). Segundo Wallon, o grande eixo para entender a pessoa é a questão da sua motricidade.<sup>9</sup> Para dar conta disso, ele buscou entender a atividade muscular do homem e nela encontrou duas funções: a cinética e a postural. A primeira é caracterizada pela identificação do movimento, e a segunda, pelo controle sobre a inércia. Nesse ponto, é imperativo assimilar que o controle do movimento humano é tão importante para a construção dos processos de aprendizagem das crianças quanto o controle sobre a inércia desse movimento, uma vez que parte da aprendizagem necessita da imobilidade, da concentração e do direcionamento para que possa se concretizar. Por extensão, proponho elencar essa importância também para o aprendizado de jovens e adultos.

O processo de alfabetização é um exemplo crasso do que estou falando. O trabalho inicial com movimentos diversos serve de base para a construção de aprendizagens que irão compor a alfabetização no final do processo. No momento da construção da escrita alfabética no papel, a inércia de grande parte do corpo, a concentração e o foco nos movimentos específicos são o que irá garantir o sucesso do aprendizado.

Assim, uma das importantes contribuições de Wallon para entender o processo de aprendizagem foi a identificação de que, no processo de desenvolvimento da criança, “o ato mental se desenvolve a partir do ato motor e passa em seguida a inibi-lo, sem deixar de ser atividade corpórea” (Dantas, 1992, p. 38).

---

<sup>9</sup> Para Wallon, motor e psicomotor são sinônimos (Dantas, 1992, p. 37).

Ainda para Wallon, o desenvolvimento da pessoa acontece em uma construção progressiva na qual se sucedem fases em que ora predominam aspectos afetivos, ora cognitivos, com presença importante do que ele chama de motricidade e que, neste texto, identifico como o movimento humano.

Mesmo tomando como referência para sua proposição o desenvolvimento da criança (que é do que trata Wallon neste momento), é possível inferir, a partir dele, que o movimento humano ocupa uma importante posição dentro do desenvolvimento integral do sujeito independentemente da fase da vida na qual se encontra, seja criança, jovem ou adulto.

É de conhecimento da área que Jean Piaget (1896-1980) foi um dos nomes mais influentes no campo da educação durante a segunda metade do século XX. Ele procurou explicar o desenvolvimento intelectual do sujeito partindo da ideia de que os atos biológicos observados são sempre atos de adaptação ao meio físico e organização do meio ambiente à procura do equilíbrio, e que o desenvolvimento intelectual segue do mesmo modo que o desenvolvimento biológico. Assim, “toda vida mental e orgânica tende a assimilar progressivamente o meio ambiente, realizando esta incorporação graças às estruturas ou órgãos psíquicos, cujo raio de ação se torna cada vez mais amplo” (Piaget, 1978, p. 15).

A essa constatação, ele acrescenta também a vida afetiva, usando, para justificativa, o notório aumento do equilíbrio dos sentimentos paralelamente ao aumento da idade. Para Piaget, definitivamente, a criança não é um pequeno adulto e possui um modo próprio de construir o seu aprendizado. No entanto, ele garante que “do ponto de vista funcional, isto é, considerando as motivações gerais da conduta e do pensamento, existem funções constantes e comuns a todas as idades” (1978, p. 12).

Penso que, vista assim, essa afirmação nos permite ampliar as propostas aqui apresentadas sobre a aprendizagem da criança também para jovens e adultos.

Jerome Bruner é um pesquisador norte-americano que dá continuidade aos estudos de Vigotsky. Bruner (1986; 1997), considerando que os modos de desenvolvimento da mente são sinônimos de modo de desenvolvimento do pensamento, explica esse desenvolvimento por meio de dois modos de pensamento: o narrativo e o científico. Para o autor, eles são os responsáveis pelo modo como se opera o desenvolvimento cognitivo do sujeito, consequentemente, a aprendizagem.

Logicamente, ambos os modos operam com a existência do corpo. No entanto, genericamente, o modo narrativo de pensamento se caracteriza pelo papel destacado, que é dado ao corpo, e sua experiência de movimento no contexto do processo vivido. Já o modo científico de pensamento é marcado pela presença das representações simbólicas como sustentação a esse processo. Portanto, o controle sobre a imobilidade e a bradicinesia<sup>10</sup> são características do modo de pensamento científico.

Fato incontestável é que não existem, entre esses modos de pensamento, diferenças qualitativas. O que existem são características (ou caminhos) que definem como o desenvolvimento cognitivo se processa no sujeito.

No dia a dia da sala de aula, onde se tem por objetivo e modelo a formação do sujeito cartesiano,<sup>11</sup> o aluno é muitas vezes privado da realização de certos movimentos corporais. Isso acontece porque o sucesso do aprendizado requer do indivíduo, no máximo, a bradicinesia. O sucesso escolar tem como objetivo um modelo comportamental que, para ser atingido, parece não exigir a exploração do tempo e do espaço por meio do movimento de seu corpo. Ao contrário, por vezes, a busca por esse objetivo da escola gera privações no controle postural do aluno, na consciência corporal e

---

<sup>10</sup> Presença de movimentos lentos ou retardados.

<sup>11</sup> Sujeito cartesiano é “o cidadão da cultura moderna, concebido segundo os padrões de comportamento social e intelectual determinados por René Descartes (daí o seu nome, sujeito cartesiano) em termos ideais, no século XVII”. (Godoy e Senna, 2011, p. 137).

nas relações do espaço com os outros e com os objetos ali colocados quando exige dele a completa imobilidade durante horas seguidas.

Está padronizado hoje, com raras exceções, que, na sala de aula, a palavra de ordem para que ocorra o aprendizado é imobilidade, e não movimento. Assim, para atingir o objetivo da educação formal (na aprendizagem das diversas áreas do conhecimento), hoje, o corpo precisa apenas ser controlado e docilizado para que se adéque à rotina escolar.

Kunz (2004) chama a atenção para a importância de que a escola ofereça a possibilidade de experimentar os movimentos, os esportes e os jogos com as crianças e jovens, objetivando um maior e melhor conhecimento de si e sobre seu corpo, e estendo essa proposta, igualmente importante, para a educação dos adultos. No estudo da andragogia, como a arte ou ciência de ensinar aos adultos, fica claro que eles preferem aprender para resolver problemas e desafios, mais que aprender simplesmente um assunto. Usar para esse aprendizado as diversas possibilidades do movimento humano (conforme o conceito aqui adotado) parece-me uma indispensável oportunidade para esse exercício.

O diálogo com o mundo se realiza por intermédio dos movimentos, e é por “movimentar-se” de forma livre e autônoma que embarcamos em um veículo de libertação das excessivas referências externas às quais estamos expostos frequentemente. Viver o aprendizado me parece mais completo do que simplesmente aceitar as verdades impostas externamente.

A partir de uma lógica do movimento enquanto instrumento que possibilita o desenvolvimento integral do corpo, o espaço que abriga esse corpo tem inigualável importância no momento em que é percebido como palco para as experimentações. Para Vitor da Fonseca, a relação do sujeito com o espaço começa no seu próprio corpo, que é o eixo em torno do qual se organiza o espaço. Somente depois de concluída a aprendizagem tônica e emocional é que a pessoa se vê disponível para aprender o espaço (Fonseca, 2008, p. 152). Assim

visto, é nesse palco (espaço) que acontecem as experimentações e os enfrentamentos de seu corpo, primeiramente com ele mesmo e, depois, com os outros corpos, com o próprio espaço e com os objetos ali estabelecidos. Quando me refiro ao enfrentamento dos corpos, não estou fazendo apologia a um embate físico, mas a experimentações que provocam estímulos necessários para promover o conhecimento das possibilidades corporais e intelectuais do sujeito e, assim, promover seu aprendizado de qualquer área ou assunto.

Para Jean Piaget (1978, p. 15), a inteligência é uma adaptação: “[...] há a adaptação quando o organismo se transforma em função do meio, e essa variação tem por efeito um incremento do intercâmbio entre o meio e aquele, favorável à sua conservação, isto é, à conservação do organismo”.

Assim, o meio no qual o corpo se encontra e as ações que ali desenvolve em busca de uma adaptação possuem especial papel no desenvolvimento da inteligência, na medida em que constituem um desafio a ser superado. Piaget não faz menção, nesse momento, ao contexto cultural que envolve qualquer ambiente, mas isso se torna compreensível a partir do momento em que esse nunca foi o foco do seu trabalho.

Quando tratamos da aprendizagem da criança, outro ponto que precisa ser considerado nessa avaliação é a presença do outro. Isso tem uma grande influência no seu desenvolvimento, na medida em que o outro é, para a criança, a razão e o centro de suas atenções e motivações (Fonseca, 2008, p. 147). Constitui-se, assim, seu parceiro permanente no caminho do desenvolvimento e também em quem a criança canaliza sua afetividade.

## **Conclusão**

Para concluir o tema discutido neste capítulo, começo por afirmar que a aprendizagem sempre foi um processo essencial na existência do ser humano, e o quadro mundial que é apresentado

nas primeiras décadas do século XXI mostra a necessidade de que hoje, mais do que nunca, o sujeito esteja preparado para aprender a todo momento e para sempre. A velocidade das novas descobertas e a facilidade de divulgá-las ao mundo torna a capacidade de aprender muito mais importante do que só o saber acumulado, uma vez que ele será rapidamente superado por constantes novas descobertas. Portanto, discutir novos modos e instrumentos que possam melhorar o processo de aprendizagem me parece extremamente importante para que a educação exerça o seu papel social.

É importante entender que a aprendizagem não acontece apenas em um momento determinado na vida da pessoa, mas se inicia com os primeiros suspiros de vida ainda no ventre da mãe, acelera-se quando criança e jovem, mantém-se na fase adulta e, na fase senil, ela persiste, embora com uma diminuição em sua potencialidade. Dito isso, posso afirmar que uma das características basilares do homem é a capacidade de aprender a aprender para sempre, não importando se ele é criança, jovem ou adulto.

Tratar os processos de aprendizagem em crianças, jovens e adultos traz vários pontos em comum, mas o que este texto destaca é o papel do corpo nessa aprendizagem. Para entender esse papel nos processos de aprendizagem, é preciso antes entender que não existe uma separação entre corpo e mente, que essa dicotomia é completamente pífida. O homem é essencialmente o seu corpo, e precisa ter consciência disso, pois, somente consciente de seu corpo, ele poderá construir um diálogo intenso consigo mesmo, com os seus e com o meio ambiente.

Desde muito jovem, o homem começa a perceber e a agir no ambiente que o cerca por meio do movimento, e as teorias de pesquisadores da aprendizagem, como Vigotsky, Wallon, Piaget e Bruner, podem ser entendidas a partir do papel do corpo e do seu movimento. Isso porque a capacidade humana de produzir e administrar o movimento de seu corpo como instrumento para aprender dá ao homem o grande diferencial para sobreviver num mundo em



constantes e aceleradas mudanças. Nesse ponto, os pesquisadores apresentados são unânimes em determinar que a experimentação e a tomada de consciência inicial da criança acontece por meio do seu movimento.

Para finalizar, apresento a proposição de que existem interfaces que ligam o movimento humano à cognição, e que elas acontecem na medida em que o movimento humano é a ação enquanto resposta a uma estratégia criada pela dimensão cognitiva do sujeito. Para comprovar minha afirmação, uso de duas perspectivas de olhares: primeiro porque o movimento humano é um instrumento que, para ser criado, aprendido e usado, necessita de construções mentais que estimulam e se alimentam diretamente do desenvolvimento cognitivo do sujeito; em segundo, porque é o movimento humano que permite a experimentação e a criação de instrumentos e ações que, para seu uso, requerem a ampliação da cognição desse mesmo sujeito. Sendo assim, em ambos os casos, esse movimento de criação/ação/reflexão/nova criação se transforma em um ciclo que alimenta o desenvolvimento cognitivo do sujeito, em uma cadeia de continuidade praticamente indefinida.

Ainda em relação às experiências com movimento humano, é possível afirmar que, devido às características determinantes do papel do movimento e do contexto em suas realizações, elas são experiências de padrões narrativos, determinando, portanto, que esse é um processo que opera pelo modo narrativo de pensamento.

Finalmente, encerro com a fala de que o processo de aprendizagem do sujeito necessita, antes de tudo, do saber ensinar do professor, e esse saber ensinar exige dele a aceitação do novo. Portanto, preconiza a existência de novos olhares sobre a educação, novos olhares desprovidos de preconceitos e conscientes da limitação de cada um.

## Referências

- BRUNER, J. *Actual minds, possible words*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Realidade mental*. Trad. Marco A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- DANTAS, H. “Do ato motor ao ato mental: a Gênese da Inteligência segundo Wallon”. In LA TAILLE, Y. de. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- DELORS, J. *Educação, um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o século 21*. São Paulo: Cortez, 1997.
- DOOL JR, William E. *Currículo: uma perspectiva pós-moderna*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Verdroneze. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FONSECA, V. da. *Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Psicomotricidade e neuropsicologia: uma abordagem evolucionista*. Rio de Janeiro: Walk, 2010.
- FREIRE, J. B. *De corpo e alma: o discurso da motricidade*. São Paulo: Summus, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. São Paulo: Scipione, 2009.
- GODOY, E. e SENNA, L. A. G. *Psicolinguística e Letramento*. Curitiba: Ibepex, 2011.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 6.<sup>a</sup> ed. Ijuí: Unijuí, 2004.
- PIAGET, J. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- SENN, L. A. G. *O currículo na escola básica: caminhos para a formação da cidadania*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1997.
- VIGOTSKY, L. S. [1984]. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Michael Cole; Vera John-Steiner; Sylvia Scribner; Ellen Souberman (orgs.). Trad. José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. 7.<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VILELA, S. H. *O movimento humano e sua interface com o letramento* (tese). UERJ, 2015.